
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O MITO DE NARCISO E A IMAGEM ESPECULAR NA LÍRICA DE FERREIRA GULLAR

Sueli Aparecida da Costa
Antonio Donizeti da Cruz
(UNIOESTE)

RESUMO: O presente texto tem por objetivo tecer algumas considerações acerca da recorrência das imagens especulares e da referência ao Mito de Narciso, na lírica do poeta Ferreira Gullar, observando que, no universo da poesia, a magia do espelhamento e da simbologia narcísica, proporciona, além de uma visão do mundo, a reflexão sobre a própria condição existencial diante do mundo e do processo de criação poética.

PALAVRAS-CHAVE: Mito de Narciso, Espelhamento, Ferreira Gullar.

Conforme Gerárd Genette, em *Figuras* (1972), o tema de Narciso constitui o que em nossos dias Gaston Bachelard denominará de “complexo de cultura”, em que se fundem dois motivos ambíguos: o da fuga e o do reflexo. Tal imagem de si mesmo sobre a qual se inclina Narciso, não lhe traz, em sua semelhança, suficiente segurança, pois em si mesmo, o reflexo é um duplo, quer dizer, ao mesmo tempo apresenta-se como um outro e um mesmo. O Eu se efetiva, mas sob as formas do Outro: a imagem especular é um perfeito símbolo de alienação. Prisioneiro de sua imagem, Narciso fixa-se em uma imobilidade inquieta, justamente por ele estar à mercê do mínimo desvio que, ao suprimir seu reflexo do qual já não é senão uma pálida dependência, viria a destruí-lo. Frente ao espelho imóvel, a fonte de Narciso é menos segura, sempre pronta a retirar novamente, por um imprevisível capricho, a imagem que parece oferecer (GENETTE 1972: 24-25).

Para Bachelard, as águas são um espelho aberto às profundidades do eu. Por isso é que Narciso, ao olhar para a sua imagem refletida na água, tem uma visão idealizante de sua imagem: vida e morte, presença e ausência, no jogo mágico e no desejo obsedante de buscar o sentido da vida na perquirição da morte. A água serve de espelho, sempre aberto sobre as profundezas do eu, pois o reflexo do eu, que aí se mira, sugere, uma idealização. O espelho é motivo para uma “imaginação aberta”. Nesse sentido, Narciso, diante da água que reflete

sua imagem, sente que ela não está concluída, que é preciso terminá-la. Os espelhos de vidro, na luz brilhante do quarto, fornecem uma imagem muito estável: “Tornarão a ser vivos e naturais, quando pudermos compará-los a uma água viva e natural, quando a imaginação *renaturalizada* puder receber a *participação* dos espetáculos da fonte e do rio” (BACHELARD 1989: 24).

Para o filósofo Gaston Bachelard, a água tem por objetivo “naturalizar” a nossa imagem. Um poeta que inicia pelo “espelho”, precisa chegar à “água da fonte” se quiser transmitir “uma experiência completa”. Narciso diante das águas tem a revelação de sua identidade e de sua dualidade. Somente junto à fonte secreta, no mais recôndito dos bosques, ele sente que é “*naturalmente* duplo; estende os braços, mergulha as mãos na direção de sua própria imagem, fala à sua própria voz. Eco não é uma ninfa distante. Ela vive na cavidade da fonte. Eco está incessantemente com Narciso. Ela é ele. Tem a voz dele. Tem seu rosto (BACHELARD 1989: 24). Ainda para Bachelard, é perto da fonte que nasce um “narcisismo idealizante”. Para o autor, a psicanálise clássica parece subestimar o papel dessa idealização. Com efeito, o narcisismo nem sempre é neurotizante. Tem também um papel positivo na obra estética, especialmente na obra literária: “A sublimação nem sempre é a negação de um desejo; nem sempre ela se apresenta como uma sublimação *contra* os instintos. Pode ser uma sublimação *por* um ideal” (BACHELARD 1989: 25).

O duplo é ilusão, pois como afirma Clément Rosset, na ilusão (maneira mais corrente de afastamento do real), não se observa uma recusa da percepção propriamente dita. Nela a coisa não é negada, mas somente deslocada, colocada em um outro lugar. Daí a noção paradoxal do duplo: ser ao mesmo tempo o eu e o outro, pois, “não é o outro que me duplica, *sou eu que sou o duplo do outro*” (ROSSET 1988: 64).

O espelho, no dizer de Clément Rosset, é enganador e constitui uma “falsa evidência”, ou seja, a ilusão de uma visão. Ele mostra não o eu, mas um inverso, um outro; não o corpo mas uma superfície, um reflexo. Em suma, ele é apenas uma última chance de apreensão, que sempre acabará por decepcionar, qualquer que seja a jubilação que possa experimentar o sujeito, aos dez meses, compreendendo (mas não vendo) que esta imagem que se agitava diante dele tinha uma vaga relação com a sua pessoa. É por essa razão que a busca do eu, especialmente nas perturbações de desdobramento, está sempre ligada a uma espécie de retorno obstinado ao espelho e a tudo o que pode apresentar uma analogia com ele. Assim, a obsessão da simetria sob todas as suas formas, que repete à sua maneira a impossibilidade de jamais restituir esta coisa invisível que se tenta ver, e que seria o eu diretamente, ou um outro eu, ou seja, seu duplo exato. A simetria é ela mesma consoante à imagem do espelho que “oferece não a coisa mas o seu outro, seu inverso, seu contrário, sua projeção segundo tal eixo, ou tal plano” (ROSSET 1988: 65).

O escritor Umberto Eco define o espelho como qualquer superfície regular capaz de refletir a radiação luminosa incidente. Enquanto fenômeno-limiar, o espelho demarca as fronteiras entre o simbólico e o imaginário. Para Eco, a espécie humana compreende o jogo do espelho, porque sabe que “não há um homem no espelho e que aquele a quem se deve atribuir esquerda e direita é o que olha, e não aquele (virtual) que parece olhar o observador” (1989: 6). Para Umberto Eco, a magia dos espelhos reside no fato de que sua extensividade-intrusividade não somente nos permite olhar melhor o mundo, mas também ver-nos como nos vêem os outros: trata-se de uma experiência única, e a espécie humana não conhece outras semelhantes. O espelho usado como sintoma, nos diz alguma coisa sobre o próprio

espelho e sobre o uso que dele se pode fazer, não sobre a imagem. Porém, é necessário considerar que a imagem especular não é uma duplicata do objeto, é uma duplicata do campo estimulante ao qual se poderia ter acesso caso se olhasse o objeto ao invés da sua imagem refletida (ECO 1989: 18-20).

Esta virtual duplicação das imagens e esta tentativa contínua de considerar-se outro, fazem da experiência especular uma experiência singular no limiar entre a percepção e a significação. A magia dos espelhos tem inspirado a literatura (sobretudo a poesia) e, no dizer de Umberto Eco, é desta tendência ao iconismo que nasce o sonho de um signo que tenha as mesmas características do espelho, passando-se a escrever para realizar, sem espelho, aquilo que ele permite: “virtualidade capaz de dar a impressão da realidade” (1989: 37).

Na lírica de Ferreira Gullar, o mito de Narciso, bem como seus desdobramentos por meio da simbologia especular, tem rendido poemas, que dão margem à aproximação da poesia ao universo imaginário dos mitos e do espelhamento, fazendo com que a poesia seja uma espécie de “espelho” que reflete, para além da imagem do Eu, a essência do ser humano, dando a impressão de uma fonte através da qual a condição existencial é refletida e idealizada.

No poema “Narciso e Narciso”, o sujeito lírico apresenta o tema da vaidade de Narciso de forma que o espelho aprisiona um “segundo mundo” no qual Narciso se vê sem poder se tocar, separado por uma falsa distância, que pode diminuir, mas não transpor, já que se trata de seu duplo:

Se Narciso se encontra com Narciso
e um deles finge
que ao outro admira
(para sentir-se admirado),
o outro
pela mesma razão finge também
e ambos acreditam na mentira.

Para Narciso
o olhar do outro, a voz
do outro, o corpo
é sempre o espelho
em que ele a própria imagem mira.
E se o outro é
como ele
outro Narciso,
é espelho contra espelho:
o olhar que mira
reflete o que o admira
num jogo multiplicado em que a mentira
de Narciso a Narciso
inventa o paraíso.

E se amam mentindo
no fingimento que é necessidade

e assim
mais verdadeiro que a verdade.

Mas exige, o amor fingido,
ser sincero
o amor que como ele
é fingimento.

E fingem mais
os dois
com o mesmo esmero
com mais e mais cuidado
– e a mentira se torna desespero.
Assim amam-se agora
se odiando.

O espelho
embaciado,
já Narciso em Narciso não se mira:
se torturam
se ferem
não se largam
que o inferno de Narciso
é ver que o admiravam de mentira.
(GULLAR 2001: 367-368)

A trama dos espelhos que se refletem mutuamente, revelando o mais íntimo da interioridade narcísica aparece, na voz do eu lírico, como substituto da fonte secreta na qual Narciso mergulha ao encontro da própria imagem. O espelho que reflete a imagem é o Outro, pois este possui a capacidade de refletir aquilo que ele quer ver em si: “é espelho contra espelho:/ o olhar que mira/ reflete o que o admira”.

Narciso mergulha em direção à fonte especular e límpida que também atende pelo nome de Narciso e, assim, no jogo de Narciso contra Narciso, ambos querem ser admirados e inventar a imagem que mais lhes contentaria. Por isso, a mentira de um ao outro inventa o paraíso, pois pensam estar os dois sendo amados quando, de fato, mentem reciprocamente para ressaltar, no lugar da beleza do outro, a sua própria beleza. Isso acontece em virtude de que, segundo Cavalcanti, Narciso busca a si mesmo no outro, uma vez que é a presença objetiva do outro que atesta a sua existência: “Este outro que o reflete e no qual se vê refletido” (1992: 208).

No poema, Narciso brinca com a imagem de si mesmo no outro e do outro em si, buscando sua própria identidade, sua condição de ser no mundo e a exaltação de seus atributos físicos. Ele olha embevecido na reflexão de si mesmo e no reflexo do outro que o reflete e o faz ver sua beleza, em uma espécie de vaidade exasperada.

Segundo Cavalcanti, o outro sempre terá o papel psicológico de espelho, pois o homem estará sendo refletido pelo outro, em qualquer momento da vida: “este espelhamento cria nova oportunidade de auto-reflexão. O homem e o mundo estão num eterno diálogo em

que um reflete o outro” (1992: 211). E é justamente esta qualidade de reflexão mútua que cria o desespero dos Narcisos, pois cada um diz amar o outro para se sentir amado e admirado. O fingimento de um ao outro causa o “inferno” de ambos, uma vez que o jogo dos espelhos revela a verdade e, ao mesmo tempo, a tortura de Narciso, ao ver que se amavam mentindo para atender a uma necessidade de seu Ego. A constatação de um reflexo-falso ou falso-reflexo torna os espelhos embaciados, já que um e outro não se miram, mas, como evidencia o eu lírico, se torturam e se ferem diante da imagem inventada e fingida.

Neste sentido, a magia dos espelhos, como bem afirmou Umberto Eco, além de proporcionar uma visão do mundo, permite que o ser humano se veja conforme os outros o vêem, criando um universo de expectativas, sonhos e frustrações, quando esta imagem não condiz com aquela que se imaginava. Pode-se dizer que o poema faz referência direta ao mito de Narciso, sobretudo no que tange a simbologia do reflexo e ao amor pela própria imagem, por meio das duas representações narcíseas, que amam a si mesmo e, por isso, ambas são condenadas a não obterem seu objeto amado.

A retomada ao mito de Narciso, além de promover uma reflexão sobre a “ilusão” da imagem especular e desta duplicidade inerente ao ser humano (a “outridade” de que fala Octavio Paz), permite tratar o tema dos espelhos enquanto uma qualidade reflexiva que possibilita ao poeta pensar seu próprio ato poético, ou seja, o processo de criação literária.

No poema “Nasce o Poeta”, o espelho funciona como espécie de instrumento capaz de dar visibilidade à palavra alada que o poeta busca para compor seu canto:

em solo humano
o nome é lançado
(ou cai
do acaso)

uma aurora
oculta num barulho

uma pedra
turva

a palavra
dita entre ráfagas
de chuva
e lampejos na noite:

lobo

um sopro
um susto
um nome
sem coisa

o uivo

na treva
o golpe
na vidraça

é o vento?

é o lobo

a palavra sem rosto
que se busca no espelho
(GULLAR 1999: 413-414)

O poema, assim como o ser humano, carrega marcas da duplicidade por estar inserido em um universo de signos lingüísticos e imagéticos, de som, ritmo e musicalidade, mas também porque a palavra poética nasce da conjunção do esforço poético e da inspiração – “em solo humano/ o nome é lançado/ (ou cai/ do acaso)”. Assim, a palavra poética é enigmática e indecifrável, não se pode dizer qual sua fonte nem mesmo como o poema se engendra. O processo de construção poética torna-se algo inexplicável, uma vez que surge como aurora no barulho, pedra turva, lobo, susto, um nome sem coisa, golpe na vidraça, enfim, como um infinito mistério. O poeta nasce desta profusão de contrários, desta alquimia da palavra sem rosto que constrói o edifício poético.

No último verso, o sujeito lírico faz referência ao fato de que o poeta busca esta “palavra sem rosto no espelho”, o que remete à questão do espelhamento e da reflexão da imagem, como se o poeta mirasse o espelho na tentativa de ver a outra face da palavra, de encontrar seu duplo, sua pluralidade e ambivalência, os outros significados que a elevaria à condição de palavra poética.

No texto “Nasce o Poeta” (versos da segunda parte do poema), o eu lírico coloca em jogo (ou em xeque) se o “nascimento do poeta” por meio da palavra ocorre de uma busca “no” espelho (o que aponta para a duplicidade da palavra) ou de “um” espelho, ou seja, de uma visão que demarca as fronteiras do real e virtual, do simbólico e do imaginário:

2

ou se busca um espelho?

na lâmina das vozes
perdidas no sonho

na
lâmina
do
sono

da água
sonora

das coisas velozes
(GULLAR 1999: 412)

O nascimento do poeta e do poema é um misto de reflexos e vozes que se somam em função da arte, de uma incessante busca de encontro com a poesia. A simbologia do espelho aparece como uma ânsia de se chegar a “água da fonte” – a uma “imaginação aberta”, capaz de revelar sua identidade e dualidade, como afirma Gaston Bachelard (1998: 24). O espelho é possibilidade de encontro não apenas com o Eu, mas também com o Outro. Entre outras coisas, o espelho representa um espaço mágico, uma vez que não tem por única função refletir uma imagem, funcionando como uma espécie de instrumento que retrata a “alma”, permitindo, assim, unir mundos imaginários e espelhar o ser do homem e da poesia.

De acordo com Chevalier & Gheerbrant, o espelho reflete a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência. Na doutrina budista, “O espelho é, com efeito, símbolo da **sabedoria** e do **conhecimento**, sendo o espelho coberto de pó aquele do espírito obscurecido pela ignorância” (2002: 394, grifos dos autores). Neste sentido, o espelho reflete, mais do que uma imagem, a inteligência criativa e o conteúdo anímico do poeta, pois ele tanto busca o reflexo das palavras quanto o meio através da qual elas podem refletir e expandir as vozes perdidas no sonho e no sono; focalizando e refratando as imagens “das coisas velozes”: a fugacidade do instante poético.

Em “O Espelho do Guarda-Roupa” (terceira parte do poema), o sujeito lírico apresenta um espelho que reflete a vida e as coisas mais singelas da existência humana:

III
Carregar um espelho
é mais desconforto que vantagem:
a gente se fere nele
e ele
não nos devolve mais do que a paisagem
Não nos devolve o que ele não reteve:
o vento nas copas
o ladrar dos cães
a conversa na sala
barulhos
sem os quais
não haveria tardes nem manhãs
(GULLAR 1999: 321-322)

O espelho da vida reflete uma realidade diferente, uma vez que nele estão contidas imagens reveladoras da essência humana, dos prazeres e desprazeres da vida. Ele é uma espécie de amigo invisível e imaginário através do qual o homem vê a si mesmo e o mundo em sua totalidade. Este espelho do guarda-roupa representa “o velho” espelho que acompanha o desvelar da existência, as coisas mais simples e, ao mesmo tempo, mais importantes da vida. A imagem que ele desvenda aos olhos do espectador atônito não é sua própria imagem

envelhecida, mas uma imagem transcendental que espelha, por trás de seu rosto, o dia, a tarde, a noite, a paisagem magistral que brota do jardim cotidiano.

Para um homem que carrega um espelho, não ter interiorizado em si estas pequenas coisas que constituem a essência do viver e fazem da vida um doce e simples acontecimento, é mais desconforto que vantagem, justamente porque o espelho não reflete aquilo que não reteve. Se as pequenas coisas da vida, que dão existência às tardes e às manhãs, não estão dentro do homem, então, ter um espelho significa reforçar a cada dia a ausência destes elementos constituintes da vivência cotidiana. O “espelho do guarda-roupa” simboliza um objeto que acompanha o homem diariamente, refletindo sua essência e seu ser. Por isso, ele é dotado de certa magia que encanta e promove uma reflexão acerca da condição existencial.

No dizer de Umberto Eco, as imagens de imagens especulares “não funcionam como imagens especulares”. Ao contrário, “Do espelho não surge registro ou ícone que não seja um outro espelho. O espelho, no mundo dos signos, transforma-se no fantasma de si mesmo, caricatura, escárnio, lembrança” (ECO 1989: 37). E, sendo assim, carregar um espelho causa desconforto pelo fato de que o ser que mira o espelho acaba tendo uma surpresa, pois o que resta desta imagem não é a imagem que o espectador quer ver, apenas aquela que está diante de si. Se estas imagens não estão no corpo do ser que mira, conseqüentemente, não haverá refração das mesmas. É por isso que não ver no velho espelho o vento nas copas, o ladrar dos cães, a conversa na sala é uma difícil missão para o homem com um espelho.

Na amplidão do espelho ou no reflexo de Narciso na fonte, a poesia reflete as vicissitudes do ser humano diante do tempo ou da própria imagem. O espelho é um canal pelo qual o ser humano transpõe os limites da presença-ausência, chegando ao centro das motivações humanas – seu verdadeiro ser. Estas considerações reforçam o poder simbólico do espelho como provedor da sabedoria e conhecimento, espaço mágico da reciprocidade das consciências e instigador das reflexões sobre o enigma existencial.

Passando pelo Mito de Narciso e a simbologia da fonte ou pela magia da imagem especular, a poesia de Ferreira Gullar possibilita uma maior reflexão sobre a condição humana, bem como sobre os aspectos que envolvem a vida, a vaidade, a duplicidade ou desdobramento, o fazer poético, enfim, uma série de motes instigadores da essência do ser e da poesia. A linguagem que foge dos padrões clássicos, os versos livres, o tom irônico e interrogativo não invalidam a profundidade das reflexões, apenas realça a preocupação do poeta para colocar em evidência pontos cruciais da experiência humana, sem deixar de lado o rigor e elaboração poética.

Através do uso de imagens como a do Mito de Narciso e do espelho, Gullar apresenta uma poesia sintética e significativa, abrindo espaço para uma discussão que envolve aspectos fundamentais da vida humana: o encontro com o próprio ser por meio da imagem especular ou de seu desdobramento através do Outro. De qualquer forma, conforme salienta Octavio Paz (1982), a poesia torna-se a possibilidade do homem poder ser, é criação do homem pela imagem, que insurge como experiência da “outridade”, já que a poesia abre espaço para o homem se nomear outro, passando a ser, ao mesmo tempo, ele mesmo e outro. A experiência poética é criação do homem pela imagem e pela linguagem: é o abrir das fontes do ser.

A experiência do espelho ou a simbologia do espelhamento narcíseo, por sua vez, funciona como um processo através do qual o sujeito lírico toma conhecimento da própria existência. O espelho aparece como este “ser mágico” que possui a faculdade de “revelação”, uma vez que é no ato de “mira-se” ou “fitar-se” que ocorre a constatação da duplicidade de

sujeitos, da ausência de reflexo, e todas as demais meditações que a magia do espelho é capaz de despertar.

OBRAS CITADAS

- BACHELARD, Gaston. 1989. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- CAVALCANTI, Raïssa. 1992. *O mito de Narciso: O Herói da Consciência*. São Paulo: Cultrix.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. 2002. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- ECO, Umberto. 1989. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GENETTE, Gérard. 1972. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva.
- GULLAR, Ferreira. 2001. *Toda poesia (1950-1999)*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- PAZ, Octavio. 1982. *O arco e a lira*. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ROSSET, Clément. 1988. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: L&PM.

THE MYTH OF NARCISSUS AND THE SPECULAR IMAGE IN THE LYRIC OF FERREIRA GULLAR

ABSTRACT: The present text has the objective of developing some considerations concerning the recurrence of the specular images and the reference to the Myth of Narcissus, in the Ferreira Gullar's lyric, observing that, in the universe of the poetry, the magic of the mirroring and the narcissistic symbology provides, besides a vision of the world, the reflection on the proper existential condition related to the world and the process of poetical creation.

KEYWORDS: Myth of Narcissus, mirroring, Ferreira Gullar